

Stadium

N.º 191 — 31 de Julho de 1946 — Esc. 2\$00



*a. Martin
Maqueda
Lisboa 20. III - 46*

MANUEL MARQUES

Defesa do Sporting

Stadium

N.º 191 * 31 DE JULHO DE 1946 * PREÇO 2\$00



Vai disputar-se a XI VOLTA a PORTUGAL em bicicleta!

A Volta a Portugal em bicicleta! Eis que de novo surge a grande competição desportiva, absorvendo as atenções de todos nós e até daqueles que andam arredios do desporto. E' a grande razão de ser da Volta a Portugal em bicicleta, que mais uma vez o prestigioso «Diário de Notícias» e o nosso prezado e conceituado colega «Mundo Desportivo» vão organizar. Mas não só eles. Em ligação íntima, em colaboração directa, um nome conhecidíssimo e que se impõe pela sua acção no nosso meio desportivo: Raul de Oliveira. O distinto camarada tem o seu nome ligado às Voltas a Portugal — um sonho que vem do tempo em que organizou a Volta a Lisboa.

A grande competição desportiva vai animar o nosso «meio», prendendo com o seu dinamismo, as suas fases emocionantes de luta entre ases do pedal, os dias durante os quais todos aguardaremos com interesse e impaciência o desfecho de cada etapa para ver quem ganhou a *camisola amarela*...

Raul de Oliveira, director de «Mundo Desportivo» e director tecnico da Volta, falou-nos.

Quando lhe perguntamos se tinha saudades da Volta a Portugal, disse-nos:

— Uma prova desportiva como a «Volta» deixa-nos sempre recordações agradáveis. E' muito grato ao meu espirito verificar que é possível recomoçarmos este nosso empreendimento. Temos de concordar que a «Volta» faz falta.

— Haverá o interesse antigo?

— A «Volta a Portugal» interessa sempre.

Logo que o pelotão dê as primeiras pedaladas, o entusiasmo alastra, envolvido na grande popularidade da prova.

— Nomes?

— Serão revelações. As provas fazem os ciclistas como os ciclistas fazem as provas. Quem sabia de Quirino ou de António Augusto de Carvalho, antes da sua actuação na «Volta»? Há talvez um nome que me parece capaz de provocar o interesse geral: o portuense Fernando Moreira. Tem condições magníficas. Assim o orientem por forma a bem lhe dozearem o esforço. Mas é de esperar de todo o grupo de ciclistas animação excelente, valorizada pela presença de equipas estrangeiras.

— Não será a «Volta» muito dura para os «amadores»?

O aspecto tem interesse. Claro que foram escolhidos aqueles «amadores» cujas provas já prestadas nos indicassem possibilidades de presença pelo menos aceitável na «Volta». Além disso, quantas revelações nos darão o grupo dos ciclistas da categoria «amadores» que entram nesta «XI Volta a Portugal»?

— Pode prever-se que esta «Volta» dê mais um impulso valioso ao ciclismo nacional?

E' assim. Um dos grandes méritos da Volta é essa contribuição. Valores que se revelam, a propaganda do ciclismo, por toda a parte interesse e entusiasmo. Repare que logo após a «Volta» surgem vários circuitos e outras provas, animadas pela curiosidade e pela alegria da grande corrida.

— A organização da «XI Volta»...

— Tem carácter especial, em confronto com as antigas. O apoio oficial que lhe foi dado contribuiu para uma série de facilidades de organização que eram indispensáveis.

— O traçado da «Volta» este ano...

— E' a «Volta», mais «volta» que se tem disputado. Contorna-se todo o país, e a caravana ficará nas principais cidades.

— Não utilizam o campismo?

— Desta vez não. E também não podemos pôr em prática uma ideia que trago em mente. A sua realização, tal como a idealizo, triunfará, até mesmo no estrangeiro. Uma caravana automóvel, com todos os apetrechos necessários. Enquanto que uns carros serão confortáveis dormitórios, outros desempenharão as funções de refeitório, salas de estar, enfermaria, etc. Mas este ano ainda a iniciativa não pode ser levada a efeito.

E Raul de Oliveira, visivelmente satisfeito, termina as suas informações:

— Mas do que não resta dúvida é de que a «Volta a Portugal» em bicicleta vai disputar-se, continuar a sua carreira triunfal, a bem do desporto e do ciclismo. Não devemos esquecer de que fizemos a «Volta» primeiro do que os espanhóis, e deve ser-nos muito grato recordar que as nossas têm sido muito mais bem organizadas. A maior prova velocipédica portuguesa vai renascer, para consagração de «ases» e para propaganda e popularidade do ciclismo.

E' assim, de facto. Pelas estradas de Portugal vão passar em admirável luta desportiva, os ciclistas da «Volta». Por entre aplausos delirantes, a grande corrida vai viver os seus dias de glória e designar os novos campeões.



Dois «ases» e uma «estrela». Com o seu entusiasmo, a sua dinâmica alegria, Beatriz Costa foi despedir-se de Nicolau e Trindade. Ia começar a 7.ª Volta a Portugal...



F. S.

E' a Volta mais «volta», diz-nos Raul de Oliveira

CORREDORES

a velocipedia necessita da vossa cooperação

O ciclismo de competição, que foi há alguns anos modalidade de primeiro plano no ambiente dos desportos praticados em Portugal, interessando multidões e mantendo em actividade algumas centenas de praticantes, está a tomar certo desenvolvimento, sobretudo nas regiões que dele se haviam olvidado, parecendo até que se pretende atingir novamente todo o prestígio e a popularidade doutros tempos. Tem havido uma série de competições com carácter de propaganda; os novos têm encontrado provas onde podem revelar suas qualidades; o rejuvenescimento das camadas de antigos praticantes está a fazer-se lentamente, mas com proveitosa e eficaz segurança, e os clubes, entidades particulares e até mesmo certos núcleos de actividade privada estão outra vez a considerar o ciclismo como incomparável elemento de divulgação, e ao ponto de ser a modalidade número indispensável nos programas de festas ou comemorações a efectuar.

Pretende-se voltar assim às jornadas, sem dúvida brilhantes, de propaganda desportiva que proporcionaram as Voltas à Gafra, a Volta dos Campeões e o Circuito das Gaéiras; querem-se fazer reviver as famosas paginas, cheias de valor atlético e espectacular, permitidas pelas Voltas a Maire, Circuito General Carrion e Circuito de Santarém, e com isto tudo deseja-se, e justamente, criar âmbito próprio e possibilidades de poder assistir-se de novo às incomparáveis e insubstituíveis provas velocipédicas que se chamam Voltas a Portugal.

A contrastar, porém, com semelhante tendência, que manifesta acentuado propósito de ajudar, amparar e desenvolver o ciclismo — tendência que se nota nos clubes dispostos a aumentarem suas despesas, nas entidades oficiais e no público, elementos também revestidos da melhor boa vontade e forte espírito de sacrificio — nada vemos, da parte dos corredores, que facilite a missão dos que pretendem impulsionar de novo a modalidade.

E é necessário não esquecer que são afinal os corredores os mais interessados no progresso da velocipedia, porque, entre nós, são eles os únicos que têm algo a ganhar — os novos, que vêem aumentado o seu prestígio, popularidade e valor — e os consagrados, tudo isto e mais alguns proventos de valia.

Queixam-se os estradistas que o ciclismo vegeta apenas no nosso país e jamais poderá atingir o nível que possui a velocipedia em Espanha. Concordamos em parte, porque as nossas possibilidades, sobretudo as de agora, não podem comparar-se às dos nossos vizinhos. Mas o que é uma verdade incontestável é que, entre nós, os corredores — novos, segundos planos e «ases» — estão a proceder de tal maneira e mostram-se tão exigentes, que assim não só dão cabo do que já está feito, como tornam até impossível que algo se faça no sentido de movimentar o ciclismo.

Fomos dos primeiros a reconhecer que os ciclistas, sobretudo os «ases», não podem manter-se em actividade regular, sem uma ajuda, constante e de certo valor. O que nunca nos convenceremos é de que haja necessidade de se ser exigente a ponto de se procurar viver só da modalidade que nunca deu lacros entre nós. Também discordamos que se deixe propostadamente, com segundos fins, de se cumprir com os deveres de desportista leal, correcto e brioso, e que se procure, com habilidades e atitudes pouco honestas, fazer realçar um valor que por vezes não existe e que jamais existirá.

O que está a passar-se na maioria dos clubes de ciclismo, que dificilmente podem reagir contra a pressão movida pelos corredores, excede tudo quanto possa imaginar-se, no domínio do estratagemas para auferir lacros nas receitas ou onerar a manutenção das suas próprias equipas.

Desde o iniciado, que já possuía bicicleta como meio de transporte, e que não sabe se vale algo, mas que evidentemente terá muito para aprender, até ao independente «já gasto»

e a necessitar de ingressar na categoria de ciclo-tarista, passando pelos amadores, criados de vícios e que já experimentaram todos os clubes que fazem ciclismo — todos, com ou sem necessidade, fazem exigências e pedem ordenados, gratificações ou material para as bicicletas. Não se limitam, porém, a combinar, com lealdade, quais serão as suas regalias logo que ingressem nas equipas que pretendem representar. Procuram antes impor, como condição primordial, o recebimento total e antecipado de todas as benesses... E logo que tal sucede, surgem logo os mais variados argumentos para justificar desistências, faltas de comparência nas provas e até comportamentos despidos da menor parcela de brio.

Há de facto ainda quem seja escrupuloso no cumprimento dos seus deveres para com os clubes que representa. Esses elementos, numa atitude lógica e abso-

lutamente admissível, antes de se «prenderem», tratam de conciliar os seus interesses com os das suas colectividades. Depois procuram cumprir, quer mostrando-se interessados em fazer sempre o melhor que podem, quer portando-se correcta e disciplinadamente em face das deliberações dos seus dirigentes. Mas, na maioria dos chamados «ases», a sua principal preocupação é usufruir benefícios materiais, por vezes até por processos que deviam andar arredios do espírito dos bons desportistas.

Não, assim não, caros corredores. O ciclismo, que teve no Belenenses, no Benfica, no Estoril Praia, no Barreirense e no Desportivo da «Caf», amparo de grande valia — perdido, sem dúvida, por motivos dessas colectividades não querermos suportar os caprichos dos seus representantes — necessita agora, mais do que nunca, da colaboração de todos. E essa colaboração, creiam, não lhes deverá ser prestada pelos estradistas, procurando-se tirar da modalidade lacros que ela jamais poderá proporcionar.

Se os corredores pretenderem evitar que as provas rareiem e, como consequência lógica dessa falta, os clubes os dispensem, há que reconhecer que não é procedendo como nós ditimos tempos que tal se evita. Há que ter uma maior noção da responsabilidade que contraem com os clubes ao assinarem as «fichas», há enfim que rodear o seu comportamento com aquela parcela de brio e pandonor tão necessários na bagagem dum bom desportista.

Gil Moreira

O festival velocipédico na pista do Lumiar

As provas e os corredores

O festival velocipédico promovido ontem à noite no Lumiar, pelo duo Sporting-Illuminante, para inauguração da nova temporada de corridas de pista, constituía, sob os aspectos espectacular, competição propriamente dita e como organização, excelente e proveitosa manifestação desportiva. Envolvidos já pelo ambiente de «interesse velocipédico» criado pela próxima disputa da Volta a Portugal, os corredores agiram com brio e uma vontade inigualável de lutar e, por seu turno, o público, sempre entusiasta, aplaudindo com calor as melhores fases da luta, deu ao espectáculo uma animação fora do vulgar.

Egénio Coelho, novel representante do Benfica, emprestou a primeira nota emotiva do festival, ganhando com absoluto merecimento a prova eliminação, após valiosa luta travada com Francisco Manique, que, embora favorecido com as vantagens proporcionadas pelo adversário — a comandar à frente as diltimes voltas — não conseguia todavia suplantar o corredor encarnado.

Na prova de perseguição de independentes disputada pelos duos Driss-Djilali, Reis-Aristides e Quadros-Tavares, os marroquinos de valor mais igual e fazendo as rendições de comando com grande presteza, começaram a impor-se a meio da corrida, terminando com o avanço de 30 metros. Os sportingistas, com Reis em plano superior, foram segundos, enquanto o Lisgás ficava em terceiro. Tempo do vencedor, 6.^{ss}.

Coabe a José Martins, do Tavira, a vitória na prova Critério. Mais resistente e com maior prática que a maioria dos adversários, ganhou todos os «sprints», fazendo alarde de boas qualidades de homem rápido. Emídio Gonçalves (Sporting) e Flávio Rodrigues (Benfica), também em plano de destaque, foram segundo e terceiro.

Na corrida de ama hora à americana, tudo decorreu de forma a agradar. Inteligente tática de Lourenço-Reis, atacando de início para distanciar Lopes, que estava desamparado, pois o

(Continua na pág. 15)

FINALMENTE, vai tornar-se realidade a ideia da fusão do Chelas, do Marvilense e do Fósforos num grande clube desportivo. Excelente! O projecto, que há tempo vinha sendo animado por espíritos que compreendem as vantagens desta iniciativa, venceu as relutâncias e os entraves, e saiu vitorioso, na sessão de propaganda — reunião de trabalhos preparatórios, para consecução do importante facto: a fundação de um clube que seja o legítimo sucessor dos três organismos desportivos da laboriosa parte oriental da cidade. Foi um êxito. Por entre constante entusiasmo, no meio de calorosos aplausos, verificou-se que o sentimento da massa associativa das três colectividades está deliberadamente ao lado da ideia da fusão. E' o momento próprio para vermos surgir um grande clube, terminando assim as dificuldades em que se têm debatido as três colectividades. Que a sua presença no desporto tem sido honrosa e digna, mas sem possibilidades para grandes comprometimentos, mantendo-se as três, por força das circunstâncias, numa actividade rodeada de esforços e sacrifícios, onde a «carolice» de uns e a boa vontade de outros não chegaram para fazer sair qualquer deles de uma situação mediocre.

— Que pena não haver aqui um clube só, em vez dos três!

Este desabafo começou percorrendo todas as ruas daquela parte de Lisboa. Desde Xabregas até ao Poço do Bispo, a ideia foi tomando vulto, e não tardou que se lançasse deliberadamente a grande propaganda. Escassos elementos se colocaram na opposição, a maior parte por sentimentalismo clubista.

Mas as palavras de incentivo vieram encorajar a iniciativa, e o próprio Director Geral dos Des-

Chelas, Fósforos e Marvilense

vão unir os seus destinos e formar um grande clube



A mesa que presidiu à sessão de propaganda. Da esquerda para a direita: Rui de Seixas, António Sequeira, Jorge Vieira, dr. Aiala Boto, Neves Reis, e Frederico Cândido Porto, no momento em que pronunciou o seu entusiástico discurso

portos apoiou a ideia da fusão.

Claro, que o Chelas, o Marvilense e o Fósforos não desaparecerão. O seu passado fica intimamente ligado ao novo clube. Quem é que já hoje se esqueceu do União Lisboa e do Carcavelinhos, apesar da grande posição que o Atlético conquistou no desporto nacional?

A sessão de propaganda que se efectuou, como reunião preparatória para as assembleias de hoje nas três colectividades, deu a agradável certeza de que é possível a fusão.

Sempre com grande entusiasmo, as suas palavras cortadas por constantes aplausos, os oradores da noite foram figuras de prestí-

gio no meio desportivo e com moral forte para aconselhar esta decisão dos desportistas dos três valorosos clubes dos bairros orientais de Lisboa. Os srs. dr. Aiala Boto, representando o sr. Director Geral dos Desportos, Rui de Seixas, a «alma» da fusão, Frederico Cândido Porto, com o encargo honroso de demonstrar o exemplo do Atlético, Neves Reis, chefe da redacção do «Mundo Desportivo», Jorge Vieira, um idolo do futebol português, e António Sequeira, o nosso camarada da «República», que tem nesta iniciativa papel de grande relevo e colaboração.

Todos formaram um coro de vozes, que, com sinceridade, apontaram os benefícios e as razões fortes desta fusão.

Disse-nos Frederico Cândido Porto:

— Todos concordamos que cada um dos três clubes pensou sempre em ser o melhor; mas compreende-se que pouco pudessem fazer. A ocasião é propícia para fundar naquela parte da cidade um grande clube.

Neves Reis concordou que: — Afinal reconheci que não era preciso convencer os habitantes deste bairro das vantagens da fusão. Viemos convencer quem já de antemão estava convencido. Esta iniciativa impõe-se de há muito, a bem do desporto e da sociedade.

Jorge Vieira, depois de recordar os tempos em que teve por adversários os jogadores dos clubes agora inclinados à fusão:

— Esforços, dedicações, sacrifícios de toda a ordem não conseguiram satisfazer as necessidades dos três clubes. Há só esta solução. Com a fusão muito lucrará o desporto nacional. Mas a obra do Chelas, do Marvilense e do Fósforos será sempre recordada, tanto mais quantos mais numerosos forem os triunfos do novo clube.

António Sequeira, pleno de entusiasmo:

— Um grande clube há-de surgir, que se dignifique, que demonstre quanto é forte o espírito dos desportistas desta laboriosa parte da cidade.

Por último, o sr. dr. Aiala Boto: — A Direcção Geral dos Desportos vê com simpatia esta decisão dos desportistas deste lado de Lisboa, se conseguirem um só clube, bom, capaz de levar por diante uma obra de valor, a bem do desporto.

Neste momento, não pomos dúvidas de que uma nova agremiação vai surgir em Lisboa, para dignificar o desporto, valorizá-lo e honrar três clubes que ficam briosamente incluídos na história do futebol da cidade de Lisboa.

Não se hão-de arrepender os desportistas que vão votar pela fusão, e o desporto há-de alegrar-se um pouco mais com esta bandeira nova que o vem saudar.

NATAÇÃO

Dois recordes de principiantes e dois de juniores

batidos no festival do Algés e Dafundo

Anatação portuguesa progride indiscutivelmente em qualidade. De há muito que proclamamos, na imprensa, esse progresso. E, de facto, confrontando «tempos» e cotejando «estilos», não era possível chegar-se a outra conclusão. Há menos gente, incomparavelmente menos gente a nadar, mas nada-se mais e melhor. É uma situação um tanto paradoxal a que se chegou. Mas que se explica perfeitamente em face das condições de trabalho de que os nadadores portugueses dispõem e que só um auxílio estranho, emanado das Instâncias oficiais, podia modificar.

Vem isto a propósito do festival de domingo último, organizado pelo Sport Algés e Dafundo, e no decorrer do qual se bateram quatro recordes nacionais — dois de principiantes e dois de juniores. Foram,

em resumo, quatro proezas, de mérito Indiscutível, que a crítica não só tem obrigação de sublinhar como merecem, mas também não tem possibilidade de afirmar qual delas foi a mais valiosa. O que pode — e deve — é proclamar, sem receio de errar, que cinco dos mais jovens nadadores do Sport Algés e Dafundo, exibindo técnica perfeitíssima, escreveram no domingo, por certo, uma das mais belas páginas da temporada de 1946.

Nos últimos quinze anos — ou seja, quando o «crawl» começou a ser utilizado em maior escala — raros foram os nadadores de melo-fundo que possuímos, dignos realmente desse nome... O «crawl» é um «estilo» difícil — ou melhor — trabalhoso de mecanizar. Requer, além de tudo o mais, a presença de um treinador que o seja de facto.

Raros, raríssimos têm sido, con-

sequentemente, os nadadores portugueses que o têm mecanizado. Só assim se explica, aliás, que o nosso «recordman» de 400 e 1.500 metros tenha conseguido manter supremacia indiscutível durante oito anos, utilizando um «estilo» simplesmente horroroso.

Por isso, o que primeiro pretendemos destacar na prova de Pereira Bastos, mais até do que os belos «tempos» obtidos — 7 m. 25.4 nos 500 metros e 12 m. 0.2 s. nos 800 — é a maneira como o novel recordista mecanizou o «crawl». Temos um nadador de melo-fundo que não nos envergonhá, sob o ponto de vista técnico, em qualquer parte — e isto vai, justamente, o seu melhor elogio.

João Franco do Vale — cobrindo em 1 m. 16.8 s. o seu percurso de 100 metros-costas na estafeta de «estilos» — foi outra das grandes, quíçá a maior figura da tarde. Armando Rodrigues (1 m. 25.3 s. — também fez melhor que o recorde de distância, e Guilherme Patrão, obtendo o «tempo» excepcional de 1 m. 3.3 s. no percurso de «crawl», proporcionaram a queda do recorde, que sofreu baixa apreciável, de 3 m. 58.8 s. para 3 m. 45.4 s.

Mas não foi menos brilhante a queda do recorde da estafeta de 4 x 100 metros-livres. É que poucas vezes será possível reunir elenco tão homogêneo.

(Continua na página 15)

Uns momentos de conversa Com CANDIDO de OLIVEIRA

QUANDO entrámos na sala de redacção do nosso prezado colega «A Bola», o acolhimento franco de Candido de Oliveira não nos surpreendeu. O conhecido e competente técnico da bola cultiva a camaradagem e sabe conquistar e conservar amigos. Mas quem o surpreendeu fomos nós, quando lhe dissemos que o íamos entrevistar.

Agora, em pleno defeso, quando os campos descansam, os jogadores veraneiam e os homeus da «bola» — não os do jornal, que esses continuam rodeando o Cândido com entusiasmo e actividade — assentam ideias, uma entrevista sobre futebol pareceu ideia estranha. O homem que foi grande jogador internacional, que dispõe de uma grande bagagem de conhecimentos técnicos que vale um tratado, sempre nos disse umas coisas, meia dúzia de palavras amenas, com boa disposição — Que impressão lhe deixou a época há pouco acabada?

— Boa, valorizada por um factor muito grande, que talvez à primeira vista não lhe pareça de especial importância ao pedir-me uma opinião acêrca da época de futebol. Refiro-me à inauguração do estádio da Tapadim, especialmente ao seu campo relvado. Agora, com o arrelvamento do campo do Sporting, o equipamento dos campos de futebol em Lisboa melhorou consideravelmente. Este acontecimento é de grande importância. Pena é que os outros clubes não sigam, ou não possam seguir o exemplo.

De resto, por mais voltas que se dêem, o progresso do jogo da bola está sempre em ligação com os campos de jogo. E' um problema fundamental.

— Quanto ao futebol?

— Melhorámos, indiscutivelmente. Nos jogos de clubes e nos jogos internacionais notou-se evidentemente o progresso do conhecimento dos jogadores quanto a técnica e a tática de jogo; mas estes conhecimentos não têm por enquanto sido acompanhados pelos progressos técnicos individuais. E' isso que contribue para nos parecer que não temos progredido. Porquê?

Candido de Oliveira, um apaixonado por estas exposições técnicas da bola — que ele sabe animar como ninguém — continuou a desenvolver este aspecto:

— A noção do jogo é mais perfeita, embora os nossos jogadores não saibam desenvolver no terreno os conhecimentos teóricos, que hoje possuem em muito boa escala. Antigamente, os jogadores exibiam uma técnica individual, utilizando a sua habilidade natural para o jogo da bola. Hoje, embora a habilidade seja um factor a considerar, o nosso jogador sabe muita teoria. Isto é importante. Resta que eles aprendam a desenvolver convenientemente essa teoria no rectângulo do jogo.

— E que será necessário para se conseguir esse aspecto?

— Com o profissionalismo, regulamentado e às claras. Enquanto se continuar verificando este sistema que encobre e descobre a actividade dos jogadores de futebol, nada se consegue de útil. Os nossos jogadores ganham como profissionais mas não podem preparar-se como tal. E' impossível com treinos de 1 hora, porque o jogador tem de estar no emprego à hora regulamentar. Quando o profissionalismo for possível então sim, Portugal poderá em relativo pouco tempo apresentar equipas iguais às melhores do estrangeiro.

— A sua actividade no Sporting?

— Prácticamente terminou no final da época, como estava combinado. Agora tem a palavra o treinador inglês.

— Mas o seu sistema?

— Foi concebido consoante as circunstâncias e sob a forma que me pareceu mais prática para um grupo que domingo a domingo tinha de exibir o seu futebol em diversos campos. Uma tática que me satisfaz.

Se continuasse no Sporting manteria os sistema?

— Sim, mais ou menos.

— Que espera da próxima época?

— Há-de ser melhor. Tudo o indica, sobretudo se se respeitar um factor importantíssimo: o do alargamento da divisão para 14 clubes.

Não abusámos mais da amabilidade de Candido de Oliveira.

O pretexto para apresentarmos uma das figuras de prestígio no «meio» estava conseguido. Uma troca de impressões, breves, em instantâneo-surpresa e deixamo-lo absorvido e interessado nesse trabalho constante em propaganda do grande jogo.



Candido de Oliveira — sempre atento aos casos da bola...



Uma troca de impressões, breves, em boa disposição



Simão da Veiga nas cortezias

No Campo Pequeno

A CORRIDA

1.º — negro e gordo e nobre, como todos os que para esta nocturna enviou o sr. Faustino da Gama. Simão da Veiga, montando um belo cavalo Matos Contes, brindou a José Casimiro e alegrou o touro, um pouco brando, cravando boas farpas à tira, e bons curtos nos "médios.. Ovações. Chamada e volta à arena.

2.º — idem, idem. Dobra bem nos capotes, e Paco Gorraez usa do seu por "Gaoneras,, e com valentia, e António Bienvenida por "Chicuelinas,, e Manolo Escudero por "Verónicas,,. Bandarilhado por Moreira e Martins passa a mãos de Gorraez que o "muletea,, com vontade. Bienvenida intervem e o mexicano simula com perda da "muleta,,. Palmas, e chamada aos "tercios,,.

3.º — idem, idem até no dobrar bem. Bienvenida instrumenta duas séries regulares de "Verónicas,,. Gorraez intervem sem melhor resultado, e Escudero alegria o "tercio,, com apertadas "chicuelinas,, e uma graciosa "reboléra,,. Martins é

colhido ao bandarilhar. Bienvenida usa da "muleta,, por alto e de joelhos, e simula com risco. Chamada e volta à arena.

4.º — idem, idem e mais bravito. Escudero "veroniquea,, com rara arte, parado e erguido, e remata com "média,, colossal. Ovação grande. Gorraez insiste por "gaoneras,, valente. Palmas. Bienvenida, de joelhos e rematando com graciosa serpentina. Palmas. Bandarilhado por Moreira e Cegarra, começa Escudero com três passes por alto, estatuário, depois por redondo e ao natural, por "molinetes,, e de "pítion a pítion,, para simular bem a morte. Muitas palmas, e volta à arena.

5.º — idem, e bravo. Simão, no seu magnífico "Bombita,, crava duas boas farpas, e dois curtos enormes — passe a paradoxo. Ovação apoteótica e volta à arena. António Correia bregou bem. Simão, sempre em pé nesta temporada, porque está sempre a cavalo, bem montado, e bem animado.

6.º — idem. Precópio dobra bem. Gorraez "veroniquea,, valente, e repete. Palmas. Bienvenida intervem, nos "médios,, e Escudero por "chicuelinas,, cingidíssima. Voltam a bandarilhar Moreira e Martins. Gorraez brinda a "Zé Sincero,, e, previa preparação de Precópio, aguenta bem, simula, e ouve palmas.

7.º — idem, e Bienvenida pára, recolhe, e nada! Escudero consegue alguns lances da sua boa marca, e Bienvenida, com a "muleta,, actua em desmedida depressiva de o touro não justificava, ainda que tivesse suas arrancadas. Entra a "matar,, de longe, e outra coisa...

8.º — gordo e nobre, como todos os que Faustino da Gama enviou coxeia por desastre sofrido no transporte ou nos currais. Escudero desenha artistas "Verónicas,, e "Chicuelinas,,. Muitas palmas. Gorraez também "veroniquea,, e remata com "média,,. Bienvenida brega para os bandarilheiros, que cumprem regularmente. Escudero brinda ao sr. José Ricardo Dominguez, da Sociedade Campo Pequeno Lt.ª, e começa, parado e valente, por ajudados, e depois por naturais. Um farol e "Manoletinos,, e ouve palmas, muitas merecidas palmas, agradecendo nos "tercios,,.

Juizo critico

O sr. Faustino da Gama apresentou com esmero oito touros gordos, iguais de tipo e de hastes, o que se chama em Espanha uma corrida "pareja,, e sem dificuldades, com alguns bravos, e outros mais brandos, até, talvez, porque a carne lhes pesava, ainda que não excedesse as possibilidades do esqueleto, como deve ser. Com um pouco mais de boa vontade — a que puzeram Simão e Escudero, a corrida teria resultado mais animada. Por isso o público prefere os novilheiros portugueses, com sua competição espanhola ou mexicana. É que alguns matadores de touros desdenham o êxito em Portugal, sem se lembrarem de que temos agora a agencia "Efe,, que telefona a verdade para Espanha, sem lhes permitir aqueles telegramas dos apoderados que convertiam os fracassos em triunfos. Paco Gorraez, em boa verdade, fez o que pode, deligenciando e conseguindo deixar-nos o bom desejo de o tornarmos a ver voltar à sua categoria, que foi das melhores em Portugal, como no México, se é que não vai até Espanha. António Bienvenida que é um toureiro fino, e na Corrida da Imprensa, em Madrid, pareceu querer voltar pelo pósto a que tem direito, limitou-se a finos detalhes, mas adoeceu de pouca vontade, ainda que o seu 2.º desse suas arrancadas, mas não perigosas. Manolo Escudero é que esteve voluntarioso, e artista, e valente, toureando à "verónica,, à sua peculiar e magnífica maneira, "muleteando,, com arte e valentia, merecendo voltar ao Campo Pequeno e os contratos que já tem para Espinho, justificando as ovações entusiasticas, e as voltas à arena.

Simão da Veiga, o primeiro é o último na resenha, continuou a série de exitos desta temporada, alegre e valente, provando que tambem sabe tourear à tira, e nos médios, ainda que para a maioria dos touros de hoje seja mais animadora a sua receita, de os alegrar pela esquerda para logo se voltar a cravar. Ovações, apoteóticas no final, e voltas à arena.

Enfim, se mais nos vimos, tivemos touros gordos, bem tratados, o que não é vulgar, e nem todos sabem o que isto custa, e o que um «ganadero» sofre desde que eles nascem até que são lidados. De tudo, de «A vida dos touros», das suas metamorfoses e das operações a que têm de ser sujeitos, publicou agora Antonio Martin Maqueda uma coleção de 24 gravuras que constituem bom ensinamento, volume de luxo, gravuras até para quadros. Das ultimas, das que em Portugal só conhecemos em gravuras — a morte à espada e o esarteamento na própria Praça, com o matador saindo em ombros — darão ideia as reproduções que oferecemos ao leitor.

EL TERRIBLE PEREZ



Manolo Escudero, Paco Gorraez e Antonio Bienvenida antes das cortezias, no Campo Pequeno



q. MARTIN MAQUEDA



A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

FUTEBOL

A Associação Galense de Amadores

A PÓS 16 anos de congelamento voluntário, vai reviver uma importante associação de futebol da Grã-Bretanha: a Gales Meridional.

Além das suas tradições, esta colectividade ressurgiu num momento de crise e ajudará a resolver problemas que alguns clubes galenses têm diante de si. Citam-se, entre outros, o Fleur de Lys, Dinas Rhondda, Pentre, Cwm, Cwmpark e os Corinthians de Cardiff, das regiões mineiras de Clamorgan e do condado de Monmouth.

Repare o leitor no pitoresco de alguns nomes e no emprego de iniciais como designativo.

Importantes decisões no futebol inglês

A Liga Inglesa de Futebol Profissional decretou que na próxima época deixarão de ser permitidas inclusões de jogadores «convidados», como até agora se tem feito.

Para esclarecimento dos nossos leitores diremos que os futebolistas em trânsito ou residindo provisoriamente em localidades diferentes das habituais, quer por motivo das suas profissões quer por causas imperiosas bem comprovadas, podiam alinhar nos grupos que lhes conviessem, na qualidade de convidados, recebendo um salário menor. Assim se explica que, por vezes, a constituição das linhas de muitos clubes notáveis incluisse jogadores momentaneamente livres de actuar, embora presos por contratos. Este facto, perfeitamente corrente na vida do futebol inglês, causou fortes engulhos aos profissionais russos do Dynamo de Moscóvia, aliás sem justificação real.

Agora cessa tal prerrogativa. A solução prevista para o caso dos jogadores nómadas é a de transferência provisória, contendo a cláusula de caducar logo que o indivíduo regressar à situação anterior.

Durante a reunião das quatro Associações de Futebol Inglesas, efectuada em Scarborough, resolveu-se também aumentar os salários dos jogadores internacionais, passando-os de 10 para 20 libras semanais. O seguro de vida dos mesmos aumentará de quatro para seis mil libras, no caso de inabilidade total.

Por fim, discutiu-se a possibilidade de organizar um campeonato inter-clubes de todas as Ilhas Britânicas, mas o parecer final expressou a completa impraticabilidade da tentativa.

O Leicester reforça as linhas

DAVE MC CULLOCH, avançado-centro internacional da equipa da Escócia, firmou contrato com o clube inglês Leicester City F. C. que também assegurou os serviços do médio-lateral, Tom Eggleston, até agora no Derby County.

Assinem a STADIUM

Stadium

BOXE

O próximo combate de Woodcock

O campeão de Inglaterra Bruce Woodcock, que se afirmou com estofa para ascender aos mais elevados postos do pugilismo internacional, combate brevemente o campeão de França, Albert Renet, na cidade de Manchester.

Renet, apesar dos seus 28 anos e de contar 90 vitórias por fora de combate, carece de experiência e deve sucumbir rapidamente diante do seu poderoso antagonista. O seu último match, para o campeonato de França, em Bordeaux, terminou com uma rápida vitória sobre François Jacques.

O campeonato mundial dos «leves»

CONFIRMA-SE a notícia de que o empresário inglês Jack Solomons organizará, no Ninian Parque de Cardiff, a 4 de setembro, um match sensacional para disputa do campeonato do mundo dos pesos leves, entre o preto americano Ike Williams e Ronnie James, titular inglês.

Actualmente, além de Ike Williams, existe outro pretendente qualificado e reconhecido pelo Estado de Nova York, Bob Montgomery, também de raça africana, e decerto melhor apetrechado do que qualquer outro para ostentar o diadema do campeonato.

TÊNIS

Os campeonatos Internacionais de Paris

NO estádio de Roland Garros prosseguem, à hora em que escrevemos, os campeonatos internacionais e franceses de ténis.

Nas meias finais da competição masculina o canhoto Marcel Bernard derrotou magnificamente o seu compatriota Ivon Petra, que vencera o torneio de Wimbledon. O resultado de 5/7, 6/2, 6/3, 5/7 e 6/2 mostra bem a natureza da luta.

O outro desafio, entre Tom Brown, (E. U. A.) e Jaroslav Drobny (checo) constituiu, no dizer da imprensa e dos técnicos, a mais bela manifestação de ténis artístico dos últimos vinte anos. A vitória inclinou-se para o europeu por 7/5, 3/6, 6/4, 5/7 e 6/2.

A final de senh ras realiza-se entre duas desportistas americanas: Miss Paulina Betz e Miss Margaret Osborne.

NOTA DA SEMANA

O duque de Norfolk, fidalgo de boa estirpe, desembarcou há seis anos em Newhaven, extenuado, a sucumbir de fadiga e de fome. Fugira de Dunquerque, diante do exército alemão em marcha vitoriosa para o sul. Juntos com ele, outros soldados britânicos conseguiram pôr pé no solo pátrio, recolhendo ao leito, donde só se ergueram volvidos dias de repouso e tratamento.

Tudo isto pertence ao domínio da História do nosso tempo e só por servir de contraste se rememora.

O duque não quis imitar a grande maioria dos seus colegas de infortúnio. Tendo dormido um sono reparador, bem largo, partiu para Lewes a assistir à corrida equestre em que participava uma das suas éguas favoritas, Miss Pinafore.

O seu espírito, turbadíssimo pelos acontecimentos militares e políticos que ameaçavam a Inglaterra, sofreu um abalo profundo. Ora, sucedeu que Miss Pinafore conquistou uma vitória difícil quando a sorte parecia irremediavelmente perdida.

Volvidos seis anos, no dia 23 do corrente, o duque e a duquesa de Norfolk regressaram à planície ventosa de Lewes. Nos cérebros de ambos vagueavam recordações, aníadas, decerto, pela paisagem, pela coincidência de datas e pela circunstância de Dilly Box, um poldro com dois anos, filho de Miss Pinafore, estar inscrito na prova hípica que esta última levava de vencida em 1940.

Mais uma vez, as cores do duque chegaram à meta em primeiro lugar, por capricho do Destino e contra todas as previsões. Dilly Box não é o que pode chamar-se um poldro prometedor e jamais fora sujeito a treinos severos, como é uso em animais de escol.

Em presença de semelhante facto, o fidalgo revelou ao público um pormenor íntimo, notável, que se prende estreitamente com as virtudes salutaras do desporto. Em 1940, quando desembarcou em Inglaterra, escorraçado pelo inimigo, o seu espírito encontrava-se totalmente abatido. Nada parecia possível de lhe elevar o moral.

Tadavia, bastou o ambiente típico do turf, a alegria das corridas e o desfecho imprevisível, coroando a vitória das suas cores contra toda a expectativa, para lhe tonificar o sistema nervoso, devolvendo-lhe o necessário equilíbrio.

Miss Pinafore, ao vencer a carreira, operara o milagre de lhe insuflar confiança nos destinos do seu país. Que melhor consagração e mais justo agradecimento poderiam celebrar-se a favor da causa desportiva e da multiplicidade dos seus importantes benefícios?

R. B.

CRICKET

O Campeonato da Inglaterra do cricket

CONTINUA com grande entusiasmo e ardor, a disputa do campeonato inglês do jogo do cricket, o desporto de Verão mais popular do Reino Unido.

O condado de Lancashire vai na frente da classificação, seguido de Yorkshire Middlesex, Gloucester, etc.

Simultaneamente, estão-se efectuando vários encontros entre os seleccionados ingleses e indianos, para match decisivo entre as equipas dos dois países. A vantagem dos europeus, embora ganha com dificuldade, tem-se acentuado durante os jogos recentes.

GOLFE

O campeonato da Escócia

EDDIE HAMILTON, campeão amador escocês do golfe, esteve prestes a perder o desafio para o título por haver extraviado a bola. Esta tombou num ribeiro e sumiu-se, apesar das pesquisas feitas. Depois, Hamilton repetiu a jogada com outra bola e ganhou o lance da 18.ª cova, em 4 tacadas contra 5 do seu mais perigoso adversário, Duncan.

O Comité do Campeonato homologou o resultado, que fez suar o vencedor e teve suspensa a respiração dos espectadores.

Há resposta para tudo...

Cada leitor deve fazer uma pergunta de cada vez, lembrando-se que muitas questões a guardam ainda resposta.

P. 419 — Há jogadores que trazem a alma dos clubes. Para mim, Francisco Ferreira é o que exprime melhor o Benfica. Ou não será assim? (Um benfiquense que até chora quando o clube perde).

R. 419 — Todos os jogadores do Benfica (uma ou outra excepção não conta) têm como que uma maneira especial de jogar. São entusiastas, dedicados, generosos — capazes de tudo pelo seu clube. Xico Ferreira é, porém, de entre todos, o mais perfeito modelo do que se poderá considerar o jogador benfiquense.

P. 420 — Acha que o jovem Pesqueira, do Famalicão, seu defesa direito, será homem para mais tarde ser convocado para treinar juntamente com os grandes?

R. 421 — O estádio Moreira Ferreira para o mesmo clube será na verdade uma realidade?

P. 422 — Que diz de Ferrão, seu médio-esquerdo? Será jovem com aspirações? (De G. V. de C., Um famalicense no Porto).

R. 420 — Pesqueira tem qualidades, mas de aí a internacional vai uma infinita distância.

R. 421 — Ao que parece, será uma realidade. Para mais, o Famalicão acaba de ingressar, como sabe, na Primeira Divisão do Nacional.

R. 422 — Não lemos elementos para formular um juízo exacto sobre o referido elemento.

P. 423 — Na falta de Feliciano na Seleção Nacional, não seria Guilherme o seu substituto? (De L. R., Um desportista arrifanense).

R. 423 — Feliciano está de pedra e cal no Belenenses, e, pelos vistos, na Seleção Nacional, Guilherme é uma defesa de mérito, e tanto podia ser, como não, por hipótese, o substituto de Feliciano.

P. 424 — Quantas vezes foram internacionais os jogadores Francisco Ferreira, Azevedo e Peyroteo? (De Um eborense).

R. 424 — Francisco Ferreira, 9 vezes; Azevedo, 15 vezes, e Peyroteo, 11 vezes.

P. 425 — Tive uma teima em que havia um antigo jogador chamado Mulder. O meu amigo afirmava que era avançado do Sporting e eu que era do Benfica. Qual de nós tem mais razão? (De M. S. A., Agúia da Guarda).

R. 425 — A pessoa que afirma tratar-se de um jogador do Sporting é que tem razão. Era um rapaz que jogava — por gosto...

P. 426 — António Feliciano, do Belenenses, tem qualidades para ser o melhor defesa esquerdo da Europa?

R. 426 — Assim o classificaram já. Porque não?

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

A preparação FÍSICA

a-par da técnica
é indispensável

COM as modernas directrizes do desporto — a ginástica entrou decididamente no futebol. Não há hoje um treinador, por menos apto, que não aceite de bom grado a ideia de que, a-par da técnica, é indispensável a preparação física.

Que importa a habilidade de um jogador, ou a certeza de que sabe executar com perfeição, se, por outro lado, ele não tem fôlego, isto é, força, vigor e capacidade respiratória para revelar essa habilidade e arte de executar?

De resto, cada época que passa, mais fortemente se vai reconhecendo a utilidade da preparação física, pois os campeonatos tornem-se cada vez mais duros e em consequência provocando um desgaste muscular mais profundo.

Portanto, nos clubes em que se trabalha bem, o professor de ginástica é um dos bases em que o técnico assenta a preparação do team, pois raras vezes se dará a hipótese do treinador ser, ao mesmo tempo, professor de ginástica.

Sem dúvida, mesmo neste aspecto, o progresso é evidente. Antigamente — podia lá falar-se em ginástica! O jogador tinha a ideia, embora falsa, enraizada, de que aqueles exercícios só serviam para o extenuarem ainda mais, e recusava-se à sua prática. Evidentemente, podíamos apontar, já nesses recuados tempos, algumas excepções a este regra. O caso geral era, no entanto, como o reproduzimos!

Ainda há pouco, relativamente, havia jogadores do team nacional que jogam da ginástica como o diabo da cruz, inventando pretextos e desculpas para serem dispensados. Todos, porém, vão-se convertendo — pelo exemplo. É que os jogadores, sentindo os benefícios da ginástica, transformam-se nos seus defensores, e são eles próprios que convencem um ou outro mais bota de elástico.

Há outro elemento cuja actuação se poderá igualmente considerar fundamental: é o maçagista. Ele é indispensável tanto em aquela lesão pouco duradoura, durante um encontro, como em todos os casos em que há uma ferida, uma distensão, um jurúnculo, mil e uma coisas. E a juntar a esta função de enfermeiro, há ainda aquela característica de trabalhar os músculos, pela maçagem, dando-lhes maior poder de resistência e ao mesmo tempo poupando-os... Da coligação do treinador, professor de ginástica e maçagista saem os triunfos.

O novo campo de Estarreja

será inaugurado
pelo Belenenses e Porto

O Clube Desportivo de Estarreja, na decisão forte dos seus dirigentes e de alguns dos seus associados, deu-se ao empreendimento de construir um campo para, em seguida, disputar os campeonatos oficiais de Aveiro. A obra, levada a cabo com entusiasmo e tenacidade, está ainda longe de ser dada por concluída — mas o terreno de jogo já está praticável.

A inauguração foi marcada para o próximo dia 15 de setembro, e devem ser adversários o Belenenses e o Futebol Clube do Porto. O clube lisboeta já deu, em princípio, resposta afirmativa. O Porto seguirá por certo na mesma orientação.

Qual o interesse que Estarreja tem em que o seu campo seja inaugurado pelo Belenenses? — É que se trata de uma zona do país de grande influência benenense. A maioria dos adeptos do jogo é afeiçoada ao clube de Capela, que, por sinal, é de aqueles sítios, de uma encantadora terra chamada Angeja.

A decisão do Belenenses provocou em Estarreja vivo entusiasmo, e a notícia correu célebre. Podemos garantir que Estarreja, ao pôr de pé a sua primeira grande realização desportiva, a que não é indiferente a Câmara Municipal, vai receber o Belenenses e o F. C. do Porto, de uma forma que excederá todas as expectativas. Enfim, o futebol alarga-se cada vez mais — estendendo os seus tentáculos por toda a Província.

CORRE QUE...

Começam a chover os pedidos de transferências, sempre com carradas de razão legal...

♦♦ Quase todos os clubes dão-se a experiência de jogadores. São rapazes, em geral pouco conhecidos, que vêm de fora decididos a conquistarem uma posição.

♦♦ No Sporting apareceram vários jogadores — sem interesse. Fala-se, no entanto, em nomes conhecidos no Porto para este clube.

♦♦ No Benfica confirma-se a dispensa de serviços de uma quantidade grande de elementos. Mesmo assim, o clube ainda fica com jogadores em número suficiente.

♦♦ No Belenenses aparecem dispostos a vestir a camisola

CONTA-GOTAS

Já se fala na ida de Ricardo Zamora para o México. Por fim, Zamora ficará no Celta de Vigo. Há entre Zamora, o guarda-redes, e Zamora, o treinador, uma distância infinita!

Robert Kelly, o novo treinador do Sporting, chegará brevemente a Lisboa. Ousamos aguardar da parte de todos, jogadores, sócios e dirigentes, uma atmosfera de simpatia e de compreensão relativamente ao novo treinador. A propósito, como se chamava aquele outro treinador inglês que esteve no Sporting?

Um treinador espanhol preferiu não treinar o Real Madrid a deixar outrem fazer as linhas. Ainda há homens valentes!

O artista Tom assistiu à final da Taça em Espanha, dizendo-nos ter gostado mais do Valência do que do Real Madrid. Mais fortes! Mais duros! Está muito bem. Mas em futebol todas as qualidades de nada servem — sem a qualidade de fazer goals!

Tem-se dito, como sempre sucede no desporto, as coisas mais espantosas a respeito de transferências de jogadores. Ver-se-á a seu tempo que os adeptos conseguiram uma maneira de continuarem a entreter-se com o futebol no desporto...

O desporto é uma instituição necessária. O futebol não é jogo para tempo de calor. Em todo o caso, confessemos, já estamos todos com saudades de um bom joguinho!

azul vários jogadores. Poucos alinharam oficialmente. Destaque-se Palma Socorro, que ficará com o lugar de Rafael.

♦♦ A propósito, diz-se que Rafael não se despedirá por enquanto, fazendo ainda mais uma época.

♦♦ O Atlético também busca reforços para as suas linhas. Entre os novos elementos figura o avançado-centro Vital, vindo do Montijo, que, segundo informações, é um jogador de classe.

♦♦ Pacheco Nobre, do Sporting, representará a Associação Académica (de Coimbra) na próxima época.

♦♦ Em quase todos os clubes, os jogadores começaram a assinar as fichas. Mesmo aqueles de quem se dizia que não assinavam — vão assinando.



A bandeira do Sporting, conduzida por Manuel da Silva seguida pelas das filiais



O sr. director geral dos Desportos condecorou com a medalla de «mérito e dedicação» sportinguista, as bandeiras das filiais



Um aspecto da parada atlética.



A enxadada simbólica, início do arrelvamento do estádio do Lumiar



Uma passagem do testemunho nas corridas de estafetas



Os dirigentes do G. D. de «A Iluminante» ofereceram ao Sporting, um galardão. Bom exemplo de camaradagem desportiva



No decorrer da sessão solene comemorativa do aniversário

Ciclismo



Efectuou-se a primeira reunião de ciclismo nocturno no estádio do Lumiar. Bom espectáculo, muita assistência e vitórias do Sporting, do Benfica, da «Iluminante» e do algarvio José Martins.
Nas fotos: 1 — João Lourenço e Custódio dos Reis, a equipa A do Sporting na «americana». 2 — As equipas do Sporting e do S. A. D.



O 40.º aniversário do SPORTING

O Sporting comemorou o seu 40.º aniversário — quatro dezenas de anos em dedicado e entusiástico trabalho de propaganda pela causa do desporto. Excelente. Mais do que o regosijo natural pela festa de anos, interessa o optimismo com que o grande clube se apresenta para enfrentar o futuro, que nos garante a continuidade do seu prestígio e a certeza de que mais e melhor valorizará a sua actividade no desporto nacional.

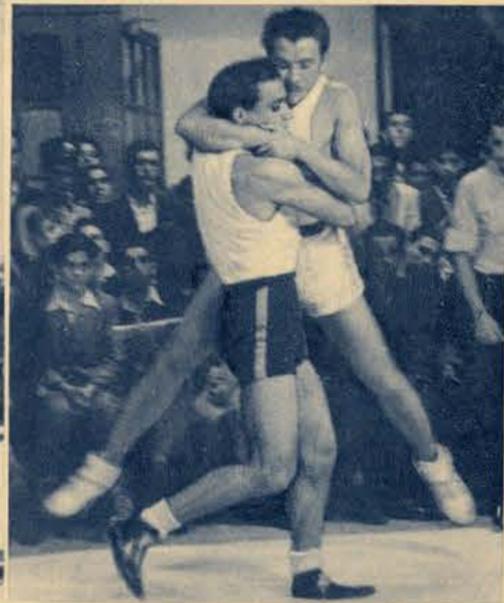
O FESTIVAL inter-sócios do S. A. D.

1 — A equipa que bateu o «recorde» da estafeta 3x100, estilos, principiantes. 2 — João Eduardo Pereira Bastos que melhorou os «records» de 500 e 800 metros livres, juniores. 3 — A equipa que estabeleceu novo «recorde» da estafeta 4x100 metros livres, principiantes.



Andebol

A final do Campeonato Nacional de Juniores de andebol foi disputada entre o Benfica e o Académico do Porto, que terminou vitorioso por 4-2. 1 — O «team» do Benfica. 2 — O grupo do Académico



O Desportivo dos Tabacos tem desenvolvido uma actividade interessada na luta greco-romana. Na última semana disputou-se a final de um torneio que organizou e do qual damos a fase de um vigoroso combate



D. Sebastião Herédia despediu-se da sua actividade na esgrima. Ao «valeroso» esgrimista, que fez a sua despedida com 70 anos, foi prestada simpática festa. Focamos um momento: o sr. Mário de Noronha, presidente da Federação de Esgrima oferece ao homenageado uma recordação

Manuel

N.º 121 - 31 de Julho de 1946 - 1.200

A Iluminante

Material electrico
para
todas as applicações

Avenida Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17
LISBOA

Rua Passos Manuel, 209
PORTO

Manuel
Luzes
50-III-40

MANUEL MARQUES

Industria de Electricidade

Comentários

NECESSIDADES NACIONAIS

E preciso usar de proposição má fé para não reconhecer que os portugueses progrediram francamente na generalidade das variantes desportivas.

O progresso técnico, que temos de reconhecer em face dos resultados obtidos, deve-se única e exclusivamente ao trabalho e ao estudo dos treinadores e orientadores nacionais, que, com raras exceções, formaram, por autodidactismo, a sua competência para o ensino.

Alingimos por esta forma um nível de valor apreciável, mas além do qual começa a ser muito difícil ascender sem o recurso de novos elementos de aprendizagem e aperfeiçoamento. Mantendo-nos isolados, com recurso apenas aos elementos próprios, é praticamente impossível — e nesla afirmação não existe desprimor para ninguém — atingir com a brevidade desejável a classe e a perfeição desportiva dos países mais avançados na matéria e com os quais aspiramos a competir.

Perante a necessidade de receber dos centros técnicos estrangeiros os conhecimentos por eles adquiridos, necessidade que se reconhece dogmáticamente, duas soluções se nos oferecem: enviar aos países de vanguarda alguns dos técnicos nacionais com melhores provas ou trazer para Portugal técnicos competentes e práticos que possam fazer escola com os elementos meritórios de que dispomos no país.

Qualquer das hipóteses é de aceitar, como seriam de aceitar ambas em comum.

A primeira parece-nos mais demorada na expansão conveniente dos seus resultados, embora tivesse a vantagem de criar as bases de uma escola nacional; a segunda oferece as vantagens de ser mais económica e trazer imediatos benefícios de larga divulgação.

Em qualquer dos casos, o grande obstáculo é a questão financeira: mandar para fora do país bolseiros, ou importar um técnico-professor custa muito dinheiro, e nem clubes nem federações dispõem de meios para o pôr em prática.

Alguma entidade superior deve tomar essa iniciativa e parece-nos que só poderá ser a Direcção Geral de Desportos, desde que lhe sejam atribuídos fundos suficientes para o desempenho dessa missão.

Em atletismo, em natação, em basquete e em andebol, em hóquei e em rugby, estamos em dizer que até em futebol, faz-se sentir o concurso de técnicos estrangeiros capazes de dirigir escolas de preparadores nacionais, for-

necendo-lhes todos os ensinamentos da técnica e da preparação modernas.

O assunto precisa de ser cuidadosamente analisado; nenhum maior serviço poderia prestar a D. G. D. ao desporto português e proporcionar-lhe os recursos para realizar tão importante obra seria o complemento lógico e esperado da campanha de interesse desenvolvida nos últimos anos pelo governo da Nação em prol da causa desportiva e dos seus interesses internacionais.

OS CAMPEONATOS EUROPEUS DE ATLETISMO

TEM-SE falado bastante — e não deve admirar que assim seja — nestes últimos tempos, na imprensa portuguesa, na futura representação nacional nos campeonatos europeus de

A PASSAR de faltarem, ainda, quatro jornadas para o clube do campeonato de Lisboa de hóquei em patins, Paço de Arcos e Sintra podem considerar-se, já, novamente candidatos, pelo sul, ao torneio máximo de modalidade, como há dois anos.

Em 1945, os representantes lisboenses foram Futebol Benfica e Paço de Arcos, mas o primeiro está agora definitivamente apeado.

Na competição anterior, os benfiquistas conquistaram o título em Santo Amaro de Oeiras, mercê da derrota que o Paço de Arcos all consentiu; e puderam totalizar 49 pontos (15 vitórias, 1 empate e 2 derrotas) com 118 goals contra 36.

Anote-se que o Paço de Arcos (com 15 vitórias, 3 derrotas e 122-37) terminou a menos um ponto (48), mas em igualdade com o H. C. Sintra, que fez 110-33, portanto com diferença maior de marcação: 77 para 85, ou sejam menos oito goals, médias, respectivamente, 3,298 e 3,333.

Os campeões nacionais — que em 13 desfechos do torneio sulista totalizaram 121 goals e consentiram, apenas, 15 — têm assegurado o título. Contam triunfos em todas as partidas disputadas: Ateneu, 13-0; Campo de Ourique, 11-0; Académico, 10-0; Benfica, 9-0; Sporting de Oeiras, 12-2 e 11-1 (23-3); Cascais, 15-2 e 7-2 (22-4); Futebol Benfica, 11-2 e 4-1 (15-3); Hóquei de Sintra, 10-4 e 5-1 (15-5); e Lisgás, 3-0.

Quanto aos sintrenses — com 10 vitórias, 1 empate, 2 derrotas e 71-35 — overbém-se-lhes os resultados seguintes: Académico, 10-2 e 9-1 (19-3); Sporting de Oeiras, 7-1 e 4-2 (11-3); Benfica, 7-1 e 2-2 (9-3); Campo de Ourique, 9-3; Futebol Benfica, 7-2; Lisgás, 5-2; Ateneu,

atletismo, marcados para o fim de Agosto, em Oslo.

Os progressos dos nossos atletas, a classe afirmada por alguns deles, como Matos Fernandes, Tomás Paquete, Francisco Bastos e João Silveira, justificam plenamente o desejo de presença no grande torneio, que reunirá na Noruega os campeões de todos os países do nosso continente.

Sabe-se que a entidade organizadora desloca a expensas suas um representante português, mas para quaisquer outros candidatos teremos nós que encontrar os recursos necessários, e que não serão pequenos.

Por isto nos surpreende que até à data se tenha mantido no mais absoluto silêncio a Federação Portuguesa, que, se encarou já os dados e as incógnitas do problema, manteve sigilo sobre as suas conclusões e nenhuma diligência efectuou junto das instâncias superiores no sentido de conseguir o auxílio financeiro que, com certeza, lhe é necessário.

Parece-nos perigoso que se influencie a opinião pública com hipóteses de pura fantasia, fazendo-lhe crer que a representação portuguesa em Oslo virá a

ser numerosa, quando de momento se não sabe sequer se irá alguém.

Entendemos que é indispensável a presença de atletas e técnicos nacionais nos campeonatos da Europa e por isso nos parece estranha a atitude indiferente dos federativos, que estão tomando sobre si as responsabilidades de um fracasso por incuria.

O espaço de três semanas que nos separa do acontecimento, escassíssimo, determina estado de emergência para as decisões a tomar. Vamos ou não vamos a Oslo? Quem vai e como vai?

A deslocação da equipa nacional a Barcelona foi já incomportável para a Federação, que se viu na necessidade de recorrer à Direcção Geral de Desportos para obter a meia centena de contos que lhe faltava para equilibrar o orçamento da viagem.

Podemos portanto deduzir-se sem perigo de erro que os cofres federativos ficaram praticamente vazios em vésperas dos campeonatos europeus. Era de prever; que se fez com antecipação para remediar tal penúria? Nada.

O atletismo português, pelo seu progresso, que é consequência de muito trabalho clubista inteiramente desajudado, do entusiasmo dos praticantes, da dedicação dos dirigentes, do esforço dos preparadores técnicos, tem o direito legítimo de exigir que se saiba na Europa que existe e que pode aparecer sem desprestígio em confronto internacional.

Negar-lhe esta regalia é, repetimos, assumir uma responsabilidade pouco invejável.

HOQUEI EM PATINS

Paço de Arcos e Sintra

são novamente os representantes do Sul no Campeonato Nacional

4-3; Cascais, 2-1; e Paço de Arcos, 1-5 e 4-10 (5-15).

Na marcação de goals (121) dos campeões de Portugal, em treze jornadas, contam-se:

Jesus Correia, 58; Correia dos Santos, 56; António Henriques, 4; Manuel Gomes, 3. — Total 121.

Há uma curiosidade, e de importância, a registar: a subida do Futebol Benfica para o 4.º lugar (conquistaram os campeões de 1945 igualar o Benfica?) em quatro desfechos de 2.ª volta. Ao terminar a anterior, o clube dos Irmãos Serpas, com 18 pontos (4 v., 1 e., 4 d.) e 30-27, era 6.º... — mas diminuiu grandemente a diferença que o separava então do Paço de Arcos.

Nesta jornada (a 14.ª) — que se concluiu antecorrem — atingiram-se os 500 goals!!! E como fallam quatro é natural que se ultrapasse o máximo (664) estabelecido em 1945.

A média, de resto, é a melhor de sempre — pois só no 1.ª volta marcaram-se 303 goals em 45 desfechos! Que, a bem dizer, apenas os campeões nacionais parecem predi-

postos ao destronamento de todos os recordes...

Ora tudo isto que se aponta — breve enunciado de números referenciais de estatística — constitui indicio seguro de melhoria de situações. Aparente? Talvez... Mas pergunta-se: joga-se agora mais? Ter-se-ia evoluído no capítulo técnico? Pode ser que sim e pode ser que não...

As respostas são difíceis — porque, em face da superioridade revelada pelos campeões nacionais, no torneio em curso, é de admitir que somente o Paço de Arcos tivesse melhorado.

Mas também não se esqueça que o «baixo» (será «crise» passageira?) do Futebol Benfica esta época — reflexo, certamente, da «subida» do grupo da linha de Cascais — pode ter contribuído para o actual desnielamento de valores; embora, accentue-se, haja três equipas (Benfica, Sporting de Oeiras e Académica da Amadora) equilibradíssimas e susceptíveis de animarem quaisquer provas.

Jorge Monteiro

UM DIRIGENTE DO VIGOROSA

diz de sua justiça

O andebol, no Porto, tem sido uma modalidade desportiva de muito prestígio, rodeando-se de interesse, conseguindo um grupo de clubes que, mercê da sua actividade e dos bons elementos de que se tem rodeado, conquistou uma posição de valor neste desporto. Ao andebol portuense deve-se muito da animação que tem ajudado a modalidade a conquistar no nosso país lugar de relevo, contribuindo para a formação de bons jogadores, apresentando-os com técnica segura, cujo sistema se tem categorizado. E pertence ao Porto o melhor ambiente, traduzindo-se essa valorização na forma como têm feito os seus jogos os grupos portuenses. O «palmarés» do F. C. Porto no Campeonato Nacional é importante para reforçar este aspecto sobre o valor do andebol portuense, e a sua contribuição para uma maior propagação e desenvolvimento da modalidade.

Mas — e com pesar o confessamos — todo esse trabalho construtivo e toda essa valorização sofreu um deslize. Pode ser prejudicial para este desporto — um dos considerados pobres, mas não menos rico em valor desportivo. Divergências várias vieram quebrar o ritmo que nos oferecia o andebol portuense. E não é ou-

sado dizer-se que, se o caso persistir, o Porto fica com a maior quota parte neste desnível que certamente se há-de dar na modalidade, a continuar-se nesta onda de incompreensão — e cremos que só isto é — que casos recentes vieram perturbar o andebol portuense e por isso mesmo o andebol português. Ao menos que a lembrança deste aspecto espavete as ideias de todos quantos podem reaver forças e ânimo para poderem colocar o andebol portuense no seu merecido posto. Não se deve, de ânimo leve, ou por observação menos lenta dos factos, prejudicar este desporto. O Porto, no andebol, tem um nome, uma posição, da qual por certo não quer abdicar, e que igualmente todos quantos andam ligados a este desporto não de-

sejam. Para mal, chega o que a modalidade já sofre esta época.

No Porto trocámos recentemente impressões com o elemento que tem o seu nome ligado intimamente ao andebol portuense, especialmente pela sua acção dentro da direcção do Vigorosa: o sr. António José Figueiredo.

— Desgosta-nos o aspecto actual do nosso andebol, dissemos, e o Vigorosa, que foi um dos iniciados da modalidade no Porto, vê isso com pesar. O facto do F. C. do Porto abandonar, como se diz, a actividade neste desporto, traz consequências desagradáveis para o nosso andebol. Trata-se de um adversário de valor e que tem marcado um lugar de muito merecimento.

— Mas o Vigorosa concorreu

em alguma coisa para esse abandono?

— De maneira nenhuma. Além disso, o caso é conhecido. Quando protestámos o nosso jogo no campeonato regional, foi por efeitos de erros de arbitragem. Ficou no entanto tudo solucionado com a intervenção da Direcção Geral de Desportos, que deu provimento ao nosso recurso. E' bom que se fixe que a actual resolução do F. C. do Porto não traduz qualquer questão ou atrito com o Vigorosa.

Lamentamos, sim, o facto do F. C. do Porto não nos prevenir de que não compareceria no jogo marcado com o nosso grupo. Pelo menos, evitava-nos esse dissabor. Quando, em campo, verificámos que o nosso adversário inesperadamente não comparecia, ficámos desolados.

O sr. António Figueiredo, demonstrando-nos sinceramente que este caso o desgosta, diz-nos:

— Parece, à primeira vista, que tudo se passa entre o F. C. do Porto e o Vigorosa. Mas não. Nem atinamos com a razão que assiste aos portuenses das suas faltas sucessivas. Se o F. C. do Porto fez o seu protesto, deveria aguardar os resultados naturais e evitar estas faltas de comparação, sempre desagradáveis.

— Mas, segundo consta, embora o F. C. do Porto não nos tenha respondido à nossa pergunta, abandonou a actividade?

— Não acredito. O Porto torrá à actividade no andebol. Tudo o justifica: o seu passado, o seu desportivismo e o bom senso. Por enquanto não posso admitir que o F. C. do Porto abandone a modalidade. A suceder isso, desaparecerá um dos competidores de maior brilho.

— Mas se isso electivamente se verificar?

— Se chegarmos a essa realidade, seremos os primeiros a deplorá-la e os primeiros a constatar que o andebol, sem o F. C. do Porto, perde muito do seu interesse.

E o sr. António de Figueiredo terminou assim as suas impressões acerca deste caso de andebol, que traz verdadeiramente animados os «meios» desportivos portuenses. Quanto ao Vigorosa, o sr. António Figueiredo garantia-nos que o seu clube, onde se destaca a figura do jogador Arnaldo Xavier, com os seus 15 anos de actividade, sem castigos nem repreensões, está animado do seu melior entusiasmo pelo andebol.

— Continuaremos — diz-nos ainda — pagando por este belo desporto. O Vigorosa caminhará na defesa do seu nome e do seu prestígio.

INICIATIVAS DA «STADIUM»

Um "match" luso-espanhol em Problemas de XADREZ!

SUCEDEM-SE, com cartas intervalos, as iniciativas da «Stadium» no capítulo do Problema de Xadrez. Este é o quarto Concurso de Problemas que levamos a efeito e também o mais importante, pelo seu significado especial.

Vão disputar a prova duas equipas — uma portuguesa e outra espanhola. E' mais uma modalidade em que as cores lusas e castelhanas vão procurar a primazia, pelo esforço dos seus representantes.

E' um «match» sem lata espectacular, sem a emoção das pugnas desportivas — mas há o antagonismo das duas facções, apara-se um vencedor, a superioridade das partes contendoras sobre a outra, talvez Portugal, talvez Espanha — e tanto basta para que a tradicional rivalidade dos dois povos irmãos constitua o melhor estímulo para os disputantes.

E' cedo ainda para pensar em opor uma equipa portuguesa aos mestres do Problema espanhol, incomparavelmente mais experimentados que os novéis problemistas nacionais.

Depois de um longo período inicial de vacilações e incertezas quanto ao valor real dos poucos interessados, só no passado ano se começou a notar um movimento com probabilidades de vingar e modificar radi-

calmente o baixo nível do Problema português. Guardadas as distâncias, associamo-nos ao resurgimento que alastra em todo o Mundo, desde que a guerra acabou. Apareceram novos compositores, revelando habilidade, outros firmaram melhor os seus créditos e ainda outros voltaram às lides, estimulados reciprocamente. Salvo uma ou outra excepção, os problemistas portugueses são todos «novéis» — denominação que engloba principiantes, iniciados e aqueles que, não obstante a sua pouca

prática, revelam técnica que porventura rivaliza já com muitos problemistas experimentados do estrangeiro.

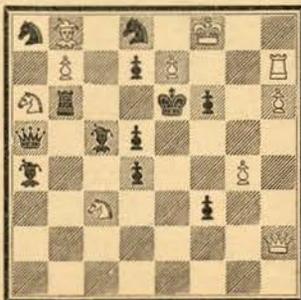
Atendendo àquele facto, projectamos promover um «match» entre os «novéis» compositores ibéricos, com o duplo fim de lhes oferecer óptimo campo para se exercitarem em provas de responsabilidade, e ainda para podermos fazer uma ideia aproximada das nossas possibilidades em futuras competições internacionais do género.

A ideia teve acolhimento inicial bastante animador. Consultados nesse sentido, os dirigentes do Problema espanhol acederam a estudar a sugestão, entabulando-se assim as negociações preliminares. Consultámos entretanto o Presidente da Federação Portuguesa de Xadrez, engenheiro Eduino Pellen, que não só nos concedeu a devida autorização, como também a feliz iniciativa, felicitando-nos ainda pelo esforço que temos desenvolvido em prol do Problema de Xadrez. Ao sr. engenheiro Eduino Pellen e ao sr. Carlos de Araújo Pires, secretário geral da F. P. X. testemunhamos aqui o nosso agradecimento.

Ouro facto veio reforçar os nossos auspícios sob que iniciámos as negociações:

Lema: «Segundo»

Concurso Internacional Stadium





Os courts do Curia Palace Sport Club — um magnífico conjunto — onde se estão a realizar, com vibrante entusiasmo, os mais importantes campeonatos de tennis do nosso país

A Curia, com o seu encanto, e as suas condições naturais e turísticas, é um centro único de tennis português. O clube local, tão elegante como desportivo, animado pelo espírito desempoeirado de Gil d'Almeida, dispõe de instalações desportivas à altura das competições que anualmente leva a efeito. A Federação de Tennis apadrinha as provas. Os tenistas correspondem. Como resultante — surgem competições plenas de interesse. Que entretêm não só quem joga — como também quem vê... E aqui está uma das razões que tornam os campeonatos oficiais de tennis da Curia diferentes de todos os outros!

As provas estão — por assim dizer — no seu começo. No primeiro dia realizou-se a disputa da Taça «Rodrigo Castro Pereira», de que o velho C. I. F., sempre servido por dedicações, mais uma vez ficou vitorioso, ganhando na final ao simpático Lawn-Tennis da Foz, por três vitórias a duas.

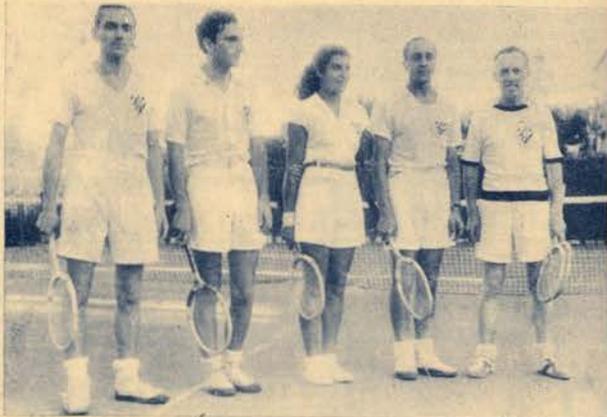
Nunca, porém, a vitória foi tão difícil: conjuntos de tenistas equilibrados, valores iguais, e o mesmo desejo de supremacia. Passada esta taça — começou a do Primeiro de Janeiro, em singulares-homens.

E' afinal o grande campeonato desta série de campeonatos... Os campeões de mistura com jogadores pouco categorizados, o virtuosismo opondo-se à tenacidade, e a classe à energia. Aqui, nas pistas da Curia, os jogadores veem tomar o pulso. — Quanto valem? — Progredimos alguma coisa?

A resposta satisfaz uns e desilude outros. E' assim a Vida.

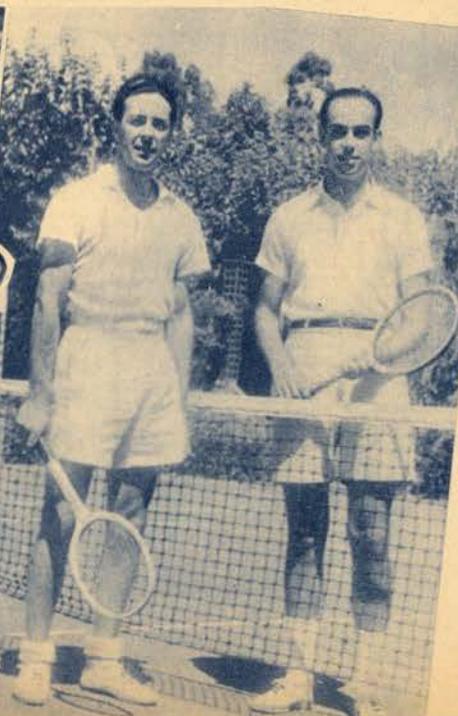
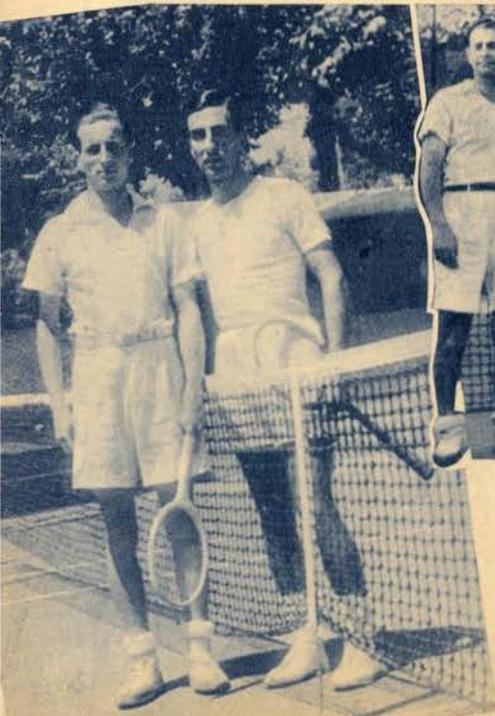
T. S.

AS PROVAS de TENIS da CURIA



Os teams do Clube Internacional de Futebol e do Lawn-Tennis da Foz, finalistas da Taça Rodrigo Castro Pereira

A equipa do C. I. F. vencedora da Taça Rodrigo Castro Pereira. Da esquerda para a direita: Joaquim Leitão, Azevedo Gomes, Maria José do Silva, Rui Pereira e W. Orton



Da esquerda para a direita — Hardy e Irineu, da Foz, que foram vencidos por Joaquim Leitão e Orton, do Internacional

Luiz Baptista, do Porto, e Carlos Costa, de Lisboa. Venceu portuense — mas o lisboeta conseguiu-se bem!

Fernando Cabral venceu Luis Barata. Está alegre e contente da vida

PORTO desportivo



O Douro, o lindo e movimentado rio Douro, esteve animado por duas provas desportivas de interesse: As regatas de monotipos organizadas pelo Fluvial Portuense e das quais damos dois aspectos e a «Dupla travessia» — prova de natação que despertou interesse e da qual foi vencedor Anselmo Santos, do Figueirense. Ao lado vê-se o grupo dos nadadores.



A Mocidade Portuguesa portuense tem-se interessado muito pelo hipismo. O seu Centro especializado, em várias provas efectuadas, tem demonstrado bom trabalho de preparação e treino. Os dois clichés que publicamos demonstram-no, na emotiva prova de parrelhas.

É um suíço de nascença. Porque nasceu na linda e montanhosa Suíça. Mas Armando Tchopp, atleta e ginasta dos mais distintos, deixou no Porto uma obra admirável, como professor de ginástica do Sport Clube, como atleta, como jogador de andebol.

Um dia, há anos, foi condecorado pelo sr. Governador Civil do Porto, dr. Joaquim Trigo de Negreiros, actual Sub-Secretário de Estado da Assistência, e bem mereceu essa honra. Armando Tchopp, pelo seu esforçado labor, pelo seu espírito de sacrifício, foi digno da homenagem de que damos uma fotografia.

Agora, visitou-nos uma equipa suíça de andebol. Boa equipa, como se sabe, equipa que nos deu uma imagem segura da nossa classe perante os estrangeiros que ainda não víramos jogar. É o nome de Tchopp voltou a recordar-se.

Os que viram jogar Tchopp no Sport Clube do Porto, que lhe receberam os ensinamentos, que dele receberam conselhos, deram palmas entusiásticas e compreenderam a razão da homenagem prestada pelos portugueses.

Voltou-se ao princípio — isto é, à melhor idade do andebol. Ultimamente tudo andou perturbado, aborrecido, mas por certo melhorará tudo, em tempos próximos. Oxalá. O esforço de Tchopp e de todos os clubes que o acompanharam não poderá ser esquecido.

Devem esquecer-se — isso sim! — aqueles pessoas que este ano fizeram tudo para o eliminar da lista dos desportos sérios e capazes de bem colocar a cidade do Porto.

MOSAICOS nortenhos...

SOUSA PINTO, nosso distinto camarada da imprensa portuguesa, já nos falou da excelente classe dos andebolistas suíços. E a sua exibição, no Porto, leve de fazer-se depois de uma viagem demorada. Os helvéticos demonstraram possuir admirável classe, poder físico — tudo aquilo que faltou ao conjunto da A. H. do Porto.

Assistiu-se sem dúvida alguma a uma exibição que entusiasmou a gente do Porto. Nós, não pudemos acabar bem a época.

Desde os incidentes que santos pessoas provocaram. E, nesta visita dos andebolistas suíços, ainda pôde assistir-se a bom trabalho — da Federação Portuguesa.

◆ IMPRESSIONOU agradavelmente a nossa lembrança de Império Santos ser integrado na equipa do F. C. do Porto — concorrente à 11.ª Volta a Portugal. Império é, em boa verdade, um azul e branco. Tem se feito tanta coisa no sentido de integrar em várias equipas atletas capazes de as completarem, que a Inclusão de Império no conjunto do F. C. P. só conseguiria valorizar a própria corrida.

Já se fez alguma coisa nesse sentido? Julgamos que não será difícil.

◆ O ACADÉMICO não conseguiu passar em Coimbra, no jogo de hóquei em campo contra o Futebol Benfica. No entanto, os portugueses tinham esperanças. Verificou-se que no Porto — há quantidade. Quanto a qualidade — nem por isso... A menos que a pouco sorte tenha sido demasiada!

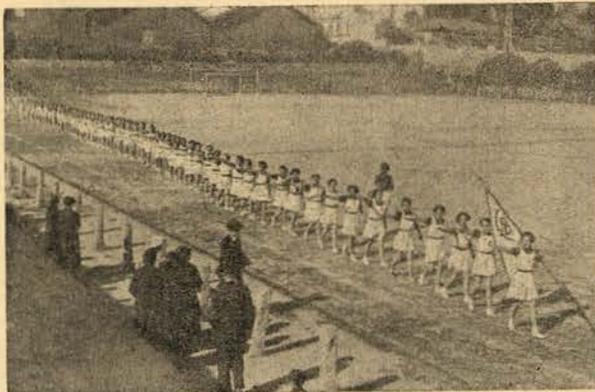
◆ QUATRO atletas portugueses foram seleccionados para o Portugal-Espanha de Atletismo: — Herculano Mendes, Edgar Tamegão, Sampaio Peixoto e Montalvão. O que de melhor possuímos. Noutros tempos, daria o capital do Norte mais gente. Mas, infelizmente, quando aparece um valor, — lá se vai, para onde oferecem maiores garantias.

Continuaremos a pensar, entretanto, que o atletismo é pertença de amadores. E que, mais dia menos dia, alguém nos fará justiça!

◆ FERNANDO MOREIRA, campeão nacional de velocidade e de fundo, em ciclismo, não pôde comparecer nos campeonatos regionais de velocidade, para defender o seu título.

Entretanto, o título ficou no seu clube, o F. C. do Porto. Onofre Tavares, um galeto de 19 anos, bom «sprinter», rapaz que também principiou no popular campeão do Norte, desde as categorias principais, esteve na pista do Lima para ganhar sem discussão!

Tem graça! Onofre já havia ganhado o regional de fundo. Fernando Moreira é melhor, mais seabedor — indiscutível em relação ao seu colega Onofre Tavares. No entanto, «este peliz» do F. C. do Porto é capaz de fazer boa figura nas grandes corridas.



DESPORTO FEMININO

As atletas do Feminino A. C. desfilando no campo do Luso, quando em plena actividade. Hoje não existe.

Quando as senhoras praticavam desporto...

O desporto feminino teve na cidade do Porto, em tempos idos, muitos adeptos. Criaram-se, então, dois simpáticos agrupamentos, dirigidos por senhoras — o Feminino Atlético Clube e o Femina Clube, que chegaram a impor-se em determinadas modalidades, mas muito especialmente no atletismo, natação, hóquei em campo, etc.

Em qualquer destas modalidades existiram excelentes praticantes. O Feminino conquistou campeonatos nacionais de atletismo, obteve vitórias no hóquei em campo e chegou a exhibir-se em ginástica nuns saraus promovidos pelo Ginásio Clube Português.

As iniciativas do Feminino e do Femina foram também precedidas pelo Sport Clube do Porto, a bela colectividade da Rua de Santa Catarina. O Sport possuía uma excelente equipa de hóquei e de nadadoras, mas os dois conjuntos «verdadeiramente femininos» levaram-lhe a palma, durante épocas. Naturalmente.

Há pouco tempo, porém, — primeiro o Femina e depois o Feminino, extinguíram-se. E o desporto feminino, de um modo geral, deixou de contar na capital do Norte. A senhora portuguesa, por falta de apoio ou de ambiente, limita-se actualmente «a assistir» aos espectáculos desportivos. Não queremos assim. No Porto, já se fez alguma coisa, nos velhos tempos. Hoje — tudo faz parte de uma saúde... E veja-se esta fotografia: — as senhoras do Feminino A. C. numa parada, no campo do Luso, conduzidas por D. Helena Sousa Martins. Boa época!

Um árbitro de andebol

António Magalhães, árbitro de andebol, tem sido mal tratado por críticos do Porto. Mas António Magalhães dirigiu o último encontro Seleção do Porto-Suíços com muita autoridade, e de tal modo que os estrangeiros ficaram agradavelmente surpreendidos. Afinal, no Porto, compreende-se a lei do andebol, e não admira: Armando Tchopp foi o iniciador, e, como bom suíço que é, não ensinou mal os praticantes desta cidade.

Em Lisboa, no entanto, nem sempre se consideram os árbitros do Porto.



O dr. Trigo de Negreiros, quando governador civil do Porto, coloca no peito de Tchopp a medalha da cidade, numa festa realizada pelo Sport Clube do Porto em sua homenagem, quando deixou de ser monitor de ginástica daquele Clube

Três competições

particularmente animadas

daram especial interesse à época de 1945-46

ESTA de parabéns o hoquei em campo nacional — pois pode considerar-se a época de 1945/46 como uma das melhores dos últimos tempos.

Disputou-se mais uma partida Porto-Lisboa, na capital do Norte, com êxito absoluto de propaganda desportiva.

Houve a novidade da apresentação, por iniciativa do Vilanovense, de duas equipas de juniores: a da quele clube e a do Académico. Os campeonatos regionais — com o atractivo supremo da mudança dos titulares respectivos — decorreram animadamente e com crescentes motivos de interesse até final.

E para apuramento dos «segundos» de Lisboa e Porto foram necessários desempates — perdendo-os, precisamente, os campeões da época anterior.

Como complemento, tivemos, ainda, uma Taça de Portugal reñidamente disputada e com a necessidade, pela primeira vez, de um desempate, a que Coimbra teve o privilégio de assistir.

Não seria preciso mais para garantir da afirmação aposta em título? Ou queriam melhor? Pela nossa parte, consideramo-nos satisfeitos, registando tais factos com apuramento e satisfação.

Resumindo: a temporada foi animadíssima, sempre, começando muito bem e encerrando-se, verdadeiramente, com chave de ouro. Pois isso não é ocioso repetir: a época de 1945/46 foi, sem dúvida, a melhor dos últimos três ou quatro anos. Mas já não era sem tempo...

Os campeonatos regionais (com mudança de vencedores e desempates para o 2.º lugar) tiveram muita curiosidade. Nos postos de honra classificaram-se: Lisboa — 1.º, Futebol Benfica; 2.º, Belenenses; 3.º, Benfica. Porto — 1.º, Ramaldense; 2.º, Académico; 3.º, F. C. do Porto.

Quer dizer: campeões novos — Futebol Benfica e Ramaldense — e dois estreantes na Taça de Portu-

gal (Belenenses e Académico); o último com prova brilhante e comportamento bastante meritório para a sua função de estreante em competição do género.

Neste torneio — que serviu para encerramento da temporada — destacou-se, além da acção dos campeões de Lisboa (já aqui posta em realce no último número da nossa Revista) e do excelente comportamento do Académico, a revelação de Carlos Seixas como marcador de goals.

O benfiquense, chamado a prestar provas em substituição de Humberto de Sousa, e, depois, tornou efectivo porque Mário Goulão não pôde dar mais o seu concurso à equipa, por se haver magoado, no Porto, foi bem a «revelação» por que se esperava — e no capítulo de marcação de goals superou quanto se aguardaria: em 15 do seu grupo, obteve 7, quase metade, o que é importantíssimo.

Analem-se, em pormenor, como curiosidades da última competição do ano, que 26 goals do torneio foram obra de 14 jogadores, tendo os 10 desfeitos sido arbitrados por 9 referees.

Vejam os Marcadores de goals: Carlos Seixas (Futebol Benfica), 7; Olivério Serpa (F. B.), 3; Cesário Ferreira (F. B.), António Ribeiro e Reinaldo Ferreira (Académico) e Diogo Nogueira (Belenenses), 2 cada um; Carlos Alberto, Francisco Carvalho e Mário Goulão (F. B.), José Cabrita e Carvalho Ribeiro (Belenenses), Belmiro Fernandes, Francisco Carvalho e Valdemar Azevedo (Ramaldense), um cada um.

Arbitros: Amadeu Rodrigues (Lisboa), 5 arbitragens; Carlos Cunha (L.) e António Rendeiro (Porto), 3 cada um; Francisco Relorta e Manuel Vilas (P.), 2 cada um; Alexandre Semegalo, Luis Ferro, e Venceslau Teixeira (P.) e Américo Romber (L.), uma cada um.

Jorge Monteiro

O festival velocipedico

(Continuação da página 2)

seu companheiro Jorge Pereira pedalaria com dificuldade; accetável a atitude de Driss-Djilili, que, para cooperarem na entrega de Lopes, limitaram-se a rolar na roda dos sportingistas, prejudicando-se em benefício de Mourão-Aristides, e simpático o brio demonstrado pelo próprio Lopes, enquanto não abandonou, a tentar, em vão, recapturar o nitro e m que o seu camarada lhe entregava o testemanho.

Peritencea a vitória ao dno Lourenço Reis, seguido pelas equipas Aristides-Mourão, Driss-Djilili e Quadros-Tavares da Silva. A excepção dos homens do Lisgás, todos os dnos percorreram 99 voltas em uma hora, distância que fica apenas a 2 voltas do recorde das provas deste género. Todavia, dada a maneira como se comportaram

as três primeiras equipas, se a desistência do dno Lopes-Pereira fosse mais cedo, permitindo que Driss-Djilili, também mais cedo se dessem ao ataque, o máximo da prova teria sido batido por larga margem. E que durante a prova houve momentos em que se «andou» a médias superiores aos 40 quilómetros horários. Para tão bons resultados contribuíram a rapidez dos «sprints» de Lourenço; as boas perseguições de Driss e Djilili e os ataques feitos num grande à vontade por Castódio dos Reis. Menos brilhantes que os adversários, Mourão e Aristides tiveram um bom começo de prova, sendo discretas as acções de Quadros e Tavares da Silva.

Lopes, mal amparado, mostrou todavia que estava em forma.

Gil Moreira

XADREZ Natação

(Continuação da página 11)

(Continuação da página 3)

Em fins do mês passado, o distinto problemista, sr. José de Castro e Melo, deslocou-se a Barcelona, prontificando-se oportunamente a cooperar na nossa iniciativa. Foi com justificação e satisfação que pudemos delegar no nosso amigo plenos poderes para alistar as negociações junto da direcção da Sociedade Española de Problemistas de Ajedrez (S. E. P. A.)

E' digno de louvor o brilhante desempenho da missão de que se incumbiu José de Castro e Melo.

Para outro dedicado colaborador vai também a expressão do nosso agradecimento e o testemanho da plena confiança que nos merece a tarefa para que foi indigitado — Rui Nascimento, o seleccionador dos problemas.

No próximo número procuraremos inserir já as bases do «match» e os temas dos problemas a compor.

Não concluiremos, por hoje, sem uma calorosa exortação, a todos os novéis adeptos do Problema de Xadrez. Que todos contribuam com o seu esforço, sem distincção de categorias ou valores. Do esforço individual depende a força global, o êxito da nossa representação. Atenção, pois, Castro e Melo, Cunha Serra, Eleutério de Almeida, Fernando de Almeida, João de Oliveira, José Casimiro Vinagre, Mariz Graça, Oscar Baptista, Oscar Pires de Carvalho, Pinto Gomes, Quaresma de Almeida, Soares Nobre e Sotto Mayor Rego!

Vasco C. Santos

Campeonatos ibéricos de atletismo

Publicaremos no próximo número uma reportagem completa dos campeonatos ibéricos de atletismo, que se disputaram sábado e domingo passados, em Barcelona, com fotografias inéditas e os comentários do nosso prezado redactor, sr. dr. Selazar Correiro, uma competência no assunto.

Dois dos elementos já haviam brilhado a grande altura na estafeta de «estilos». Os outros dois, os irmãos Golo Alves, correram excelentemente, não destoando do conjunto. Foram quatro percursos admiráveis, ricos de «couplets», em que «crawl», nadado com perfeição, atingiu toda a sua beleza.

O recorde sofreu, igualmente, baixa sensível. De 4 m. 47,9 s. passou para 4 m. 33,7 s. E qualquer dos «tempos» intermédios merece registo: 1 m. 8,2 s. de António Golo Alves; 1 m. 10,7 s. de João Franco do Vale (depois de ter feito uma excelente prova de «costes»); 1 m. 10,3 s. de Leonel Golo Alves e 1 m. 4,5 s. de Guilherme Patroni, a demonstrar magnífica regularidade.

O festival de domingo é dos que deixam saudades, quer pelo espectáculo fornecido, quer pelas allegranças profundas que provocou na tabela dos recordes nacionais.

Amanhã leremos a primeira jornada dos campeonatos regionais da A. N. L. Tudo indica que, dentro das possibilidades do momento, eles forneçam proezas individuais de vulto, pois que a luta inter-clubes deve estar reduzida ao mínimo...

Abreu Torres

As nossas capas

A publicação dos retratos a cores dos principais atletas portugueses, trabalho do distinto pintor A. Martin Moqueada, constituiu mais um êxito, que assinalamos com regozijo.

Prevenimos os nossos agentes a fim de nos fazerem sempre com o devido tempo os seus pedidos, pois que não podemos atender os que nos chegarem para o nosso último número, que se encontra esgotado.

Separata: Emblemas Desportivos

A inclusão de Império Santos na equipa do Futebol Clube do Porto

Faz-se a necessária propaganda da «Volta a Portugal» em bicicleta. E o Porto, interessado na prova, prepara-se para impressionar o melhor possível.

Lembrámos há uma semana, entretanto, que poderia Império Santos fazer parte da equipa do F. C. do Porto, e sabemos que isso agradaria muitíssimo aos desportistas portugueses, amantes do ciclismo. A prova é também patrocinada pelo Ministério do Interior, segundo se diz. Ora, para que no Porto apareça o melhor interesse para grande corrida, e ainda na esperança de ser

constituída por cá uma boa equipa, — uma verdadeira equipa do Porto — seria bem aceita a inclusão de Império, um rapaz criado no melhor clube do Norte, do qual não faz parte porque o não deixam...

Não sabemos se o F. C. do Porto deu sobre o caso as voltas necessárias. O clube campeão está habituado a... que lhe venham atletas e, por isso, terá por certo medo de pedir o que é seu! Mas sempre é bom tentar. O Norte e o Porto lucrariam desportivamente.

E quem disser o contrário...



Uma aspiração dos desportistas de Luanda

O sr. Comandante Manuel Magro Romão, distinto presidente da Camara Municipal de Luanda, pessoa inteligente e dinâmica que à idade tem dado o melhor do seu esforço, e saber, como se pode verificar pelos inúmeros melhoramentos que nela tem introduzido, vai agora prestar um grandioso serviço ao desporto angolano. Trata-se das grandes modificações que vai sofrer o Estádio Municipal.

No seu gabinete de trabalho, na Camara, fomos há dias recebidos pelo ilustre homem público que, da melhor vontade, se dispôs a dizer à «Stadium» o que há sobre o assunto.

— O problema do Estádio Municipal está dividido em duas partes. A primeira, consta dos trabalhos exteriores, isto é, do acesso, vedação do Estádio, bilheteiras, etc. A segunda parte é constituída pelos trabalhos interiores, alargamento de bancadas e tribuna, piso de terreno de futebol e de pista, etc.

Quanto ao acesso do campo, pode dizer-se que é assunto arrumado, afirma-nos o sr. Comandante Romão. Os trabalhos de asfaltação da rua Ferreira de Almeida, que passa do lado norte do campo, e o troço da rua Cerveira Batista que vai daquela à entrada leste, onde foi feita uma rotunda, estão já concluídos.

«Presentemente está-se procedendo a trabalhos para a obtenção de água em boas condições de preço e abundância por forma a tornar possível os projectados arranjos interiores.

«Logo que se conseguir obtê-la, daremos imediatamente principio às obras.

«O Estádio ficará completamente vedado. À sua volta serão plantadas bougavilhas e os morros serão arborizados. Para evitar aglomerações, as bilheteiras passarão para a rua Ferreira de Almeida.

«Por sua vez construir-se-ão duas faixas de asfalto desde as entradas até às bancadas. Por detrás destas ficará um parque destinado ao estacionamento de viaturas. Tanto as bancadas como as tribunas serão alargadas e aquelas também cobertas. Serão melhorados os balneários.

«Finalmente o piso da pista e do rectângulo serão arranjados convenientemente e o último arrelvado.

«Pensa ainda a Camara promover o necessário para se conseguir campo para treinos, visto aquele se destinar depois só aos encontros de Campeonato e outros jogos importantes.»

ARMANDO JAIME

Podê ver-se nesta página:

1 — Os juniores do S. C. 2: Tomar, campeões da A. F. Santarem, zona Norte; 2 — O Atlético de Mesquita, recentemente formado, mas que já conta excelentes vitórias: no 1.º plano, da esquerda: Fitas, Ferragoso, Octávio, Coelho e Amaral; 2.º plano — Cardoso, Sequeira, Viciato, Rui, Cipriano e Cunha. 3 — A categoria reserva do Fervorário de Lourenço Marques; 4 — A categoria A de basquetebol da Mocidade Portuguesa (Oficina de S. José do Porto), que tem demonstrado excelentes possibilidades; 5 — A equipa de Tenis de mesa do C. Desportivo do Marco, de Vila Nova de Gaia, constituída por José Moreira, Manuel Paraty, José Cosimiro, Francisco Duarte e Joaquim Amaral que na época finda conquistou o campeonato popular desta modalidade, no seu conselho.



Stadium na PROVINCIA



multimil

Nº 192 - 7 de Agosto de 1946 - Pag. 2300



2300

Stadium



**A 1.ª categoria
do
GRUPO DESPORTIVO DA C. U. F.,
campeão nacional de andebol**



Flecha

a bicicleta dos campeões

A ILUMINANTE

Stand FLECHA

Largo do Intendente - Lisboa

2\$00

